



COUTO, Mia. *E se Obama fosse africano? e outras interinvenções*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.



**As interinvenções de Mia Couto:
*E se Obama fosse africano?***

E se Obama fosse africano? e outras interinvenções, o livro mais recente de Mia Couto, poderia ser chamado somente de *interinvenções*, termo cunhado pelo próprio autor para referir-se aos textos reunidos nesse volume, o qual é composto de quinze intervenções, produzidas para palestras ou comunicações feitas na África, Europa e Brasil. O último texto, de mesmo título que o livro, é um artigo, publicado no *Jornal Savana*, de Maputo. O neologismo *interinvenções* por si já explicita a intencionalidade do autor na confecção dos textos, pois, mesmo sendo conferidas às abordagens temáticas a seriedade da reflexão e do debate sobre os problemas sociais e políticos da África, mantém o caráter inventivo e o poético, que são, de fato, inerentes a sua escrita.

As intervenções são permeadas de histórias e, como não poderia deixar de ser, constituem-se pela enorme habilidade na criação de imagens, mas também pela leveza e humor, ao abordar assuntos tão duros e, ao mesmo tempo, tão delicados sobre a realidade africana e – por que não dizer – comuns à realidade mundial. Talvez também se possa pensar no *inter* como proposta de diálogo entre os textos reunidos, os quais tiveram como alvo, no momento de escrita, o público de países diferentes e, ao que tudo indica, países que partilham semelhantes problemas.

Mas Mia Couto pontua, de fato, a África e as suas relações com o mundo, não apenas como um objeto de análise, mas também como lugar de onde se enuncia e para onde dirige, principalmente, sua enunciação. Na nota introdutória, intitulada *O guardador de rios*, adverte que *E se Obama fosse africano?* não é um livro de ficção, mas resultado do cumprimento de uma missão imposta a si mesmo, como cidadão e como escritor. Entretanto, em entrevista ao jornal *Folha de São Paulo*, no dia sete de agosto, quando questionado sobre como lidar com “o fio” que separa as formas ficção e ensaio, o autor afirma não acreditar na existência de limiares entre os gêneros. Celebra, sim, o poder da palavra e, especialmente, o da narrativa como forma de abarcar diversas linguagens e culturas.

A celebração da linguagem constitui-se num dos pontos mais fortes a perpassar todos os ensaios dessa

obra. Advogando por um “homem plural, munido de um idioma plural”, Mia Couto acredita que “ao lado de uma língua que nos faça ser mundo, deve coexistir outra que nos faça sair do mundo”. Para ele, o homem que domina um idioma, o oficial, capaz de dar conta do cotidiano, deve dominar também uma outra língua, mais viva, “que dê conta daquilo que é da ordem do invisível e do onírico”. Dessa forma, discute os sérios problemas gerados pela percepção redutora e utilitária de nossa sociedade. Para ele, as línguas não servem apenas para comunicar, elas deveriam naturalmente transcender a dimensão funcional, alcançando modos de comunicação cuja função residiria no entendimento entre povos e culturas distintos.

Na intervenção intitulada *Os sete sapatos sujos*, Mia Couto ataca de maneira impiedosa a atitude dos africanos em relação à imagem que têm de si e a que têm da própria nação. Pela metáfora dos sapatos sujos, fazendo referência à *Oração de sapiência*, do Instituto Superior de Ciências e Tecnologia de Moçambique, o autor expõe sete problemas que, segundo ele, são gerados na nossa interioridade, um território em que, segundo ele, somos todos amadores. Aborda, sobretudo, elementos culturais arraigados na cultura africana, que impedem o desenvolvimento do país, como a vitimização, a ideia de que o trabalho não leva ao sucesso, a resistência à crítica, o culto das aparências, a vergonha de ser pobre, a passividade perante a injustiça e a noção de que, para ser moderno, deve-se ter como modelo os outros.

Ponto a ponto, Mia Couto põe em questão o ultrapassado paradoxo vivido pelo povo que, enquanto anseia pelo progresso e, ao mesmo tempo, teme a perda das origens de sua cultura, cada vez mais empobrece e abriga formas de violência e de preconceitos, como a violência doméstica (40% dos crimes resultam de agressão doméstica contra mulheres) e os maus tratos infligidos às crianças. Para encerrar essa intervenção, na qual despe a vida e o pensamento africano, Mia Couto afirma a responsabilidade individual e coletiva do próprio povo como forma de valorização e salvação.

Uma penúltima questão sobre essa obra, que se quer ressaltar aqui, é a visão exposta por Mia Couto sobre ciência. O autor questiona, enquanto biólogo e escritor, os métodos atribuídos pelo homem ao caminho da ciência. Com o título de uma das intervenções, *Rios, cobras e*

camisas de dormir; faz alusão à repressão sexual que, durante muito tempo, proibia os casais de dormirem nus. Por analogia, trata do policiamento que representa a ciência em relação à literatura e a outras formas de arte. Para o autor, a ciência sempre foi e continua sendo controlada e manipulada pelos poderes. Dentre eles, um dos mais conhecidos e manipuladores chama-se mercado.

Mia Couto, assim, não poupa ouvintes e leitores e, ao narrar duas histórias que remetem à ignorância dos cientistas ao irem tratar problemas de uma comunidade de Moçambique, explicita mais uma vez a necessidade de conhecimento das mais diversas linguagens para que seja eficaz o que se chama de ciência. Com certo sarcasmo, afirma acreditar na Ciência, mas apenas como mais um dos caminhos para o saber. É nesse sentido que caminham as considerações de Mia Couto quando se refere à única ciência da qual toma parte: “a História da evolução é tão extraordinária que só pode ser escrita juntando o rigor da ciência ao fulgor da arte”.

A última intervenção, de título que dá nome à obra, evidencia, bem ao contrário do texto que abre o livro, certo ceticismo com relação ao futuro político da África. O texto, ao que tudo indica produzido logo após a vitória do presidente americano Barack Obama, constitui-se de suposições sobre o que aconteceria se Obama vivesse o caótico contexto político, social e econômico do continente africano. As respostas são enumeradas em seis breves partes que podem ser resumidas no fato de que Obama não governaria de jeito algum, já que “os Bushs de África não toleram opositores, não toleram a democracia”. O artigo sintetiza, sistematicamente, o que Mia Couto discute em quase todas as suas *interinvenções*: o entrelaçamento entre os problemas culturais da tradição e da modernidade com a corrupção e o atraso promovidos pelo governo.

Dentre os diversos impedimentos à suposta posse de Obama, destaca-se das partes o fato de que esse não governaria porque só é considerado negro nos Estados Unidos, na África seria mulato. Mia Couto evidencia, assim, o preconceito racial dos próprios africanos, um dos fatores a alimentar e intensificar a miséria nas mesmas sociedades que são vítimas da desigualdade e do preconceito. Além disso, se Obama fosse africano, teria que dar enormes explicações aos “advogados da chamada pureza africana” por ter recebido apoio dos homossexuais, “a homossexualidade é um inaceitável vício mortal que é exterior à África e aos africanos”.

Com ásperas críticas e de forma inventiva, direta e audaciosa, Mia Couto explicita e expõe pontualmente, assim, os verdadeiros e profundos entraves do pensamento que move a sociedade africana. Ao longo da obra, impiedosamente ataca problemas culturais e de ordem folclórica que tentam justificar o estado de estagnação do povo, questionando e sugerindo um vasto novo conjunto de posturas e conceitos. No encerramento de seu texto, evoca frontalmente as “elites predadoras” e, de forma provocativa, convida os africanos a negar o que historicamente lhes impõem como imagem imutável e segura, pois “ter futuro custa muito dinheiro. Mas é muito mais caro só ter passado”. Como se vê, esse é um livro a ser lido e pensado por nós, brasileiros, não só pelo prazer que nos promove a escrita de Mia Couto, que sutilmente nos conduz a transitar pelas suas narrativas pessoais, como escritor e biólogo, mas também por instigar nossa capacidade de pensar sobre as diversas mazelas comuns a nossa sociedade.

ILSE MARIA R. VIVIAN
Doutoranda PUCRS/CNPq